ANO 12.º—N.º 618. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO Guimarãis, 5 de Dez.º - 1943

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A — 1.º e 2.º Andar — Telef. 4313. Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranense — Telef. 4177 — Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA CENSURA

A maior ruína

A Humanidade está a sacrificar nos campos de batalha—tudo. Trinta milhões de europeus estão fora dos seus lares ou dos seus países. ¿Pode haver uma idéia do que significa na desgraça individual e na desorganização social, êste êxodo sem precedentes na História? Sôbre as imensas ruínas da Europa — que, só depois da Paz, poderão ser medidas na sua terrível proporção—há já destroços de destroços. As ruínas famosas de Pompeia, onde dormem, na poeira do tempo, amortalhadas e dispersas, memórias de dois mil anos, foram atingidas pela destruïção dos exércitos—facto macabro, que tem o seu quê, ao mesmo tempo, de sinistro e de simbólico.

Mas sôbre todos êsses sepulcros gigantescos de homens, de cidades, de nações, de beleza, de trabalho e de inenarrável dôr, uma devastação, maior que tôdas, mais atroz do que tôdas as outras—as materiais e as espirituais — ensangüenta e mutila o Mundo. E' a hecatombe constante, sem par e sem nome, da Juventude.

Mais do que nenhuma outra, esta guerra é a guerra à Vida, nas suas fôrças mais íntimas e nas suas raízes mais profundas. Nenhuma guerra, como a actual, devorou, implacàvelmente, energias primitivas ou adolescentes. As batalhas e emprêsas aéreas exigem, dia-a-dia, quási minuto a minuto, o sacrifício de centenas de vidas, entre os dezóito e os vinte e cinco anos. E' a ceifa, brutal e total, das searas novas. Não escapam os berços. A infância cresce, como uma flôr dos cemitérios, entre o vendaval e os túmulos. No seu húmus criador e maternal, a própria Natureza é atingida e devastada. O Sol, que foi feito para doirar a Vida, cobre a Morte.

Recordo, ao escrever estas linhas, a impressão que tive a primeira vez que visitei Verdun. Tinham decorrido já quinze anos sôbre a guerra que acabou em 1918. Em tôrno da célebre praça forte, que imortalizara a resistência francesa, havia, a perder de vista, campos e campos de cruzes de madeira — brancas a um lado, negras no outro. Centenas de milhar de franceses e alemães dormem, a par, o sono eterno e igual. No alto da colina, dominada pelo monumento comemorativo dos longos e memoráveis combates, erguia-se, na sua empolgante e trágica alegoria, a «trincheira das baionetas»—trincheira de cadáveres em pé, heróico e fúnebre prolongamento, além do fim e além dos homens, do ríctus da dor e do ódio.

Mas, sobretudo, o espectáculo impressionante e que dificilmente pode apagar-se da memória de quem uma vez o presenciou, era a visão indescritível da extensa planície em volta, fértil noutro tempo e abandonada agora, ferida, impotente, varrida, polegada a polegada, pela metralha, revolvida nas suas entranhas, palmo a palmo, pelo fogo e onde ainda não brotava uma erva nem uma flor.

Quinze anos depois, a paisagem era ainda uma cicatriz imensa. Eu nunca tinha visto assim «terra morta», terra assassinada, terra exangue, petrificada e estéril, donde até as urzes e os cardos tinham fugido. Um silêncio de névoa e chumbo pairava no ar. Homem, aquele jazigo monstruoso era a tua obra! Deus fizera a terra para te dar a messe, a fartura e o prado: tu tinha-lha transformado naquela fúnebre toalha, cinzenta e calcinada, onde apenas algum tronco, torcido e queimado, erguia, entre pedras e estilhaços, uns braços ósseos de sombra.

Estendo hoje sôbre o Mundo os olhos com que, nessa melancólica tarde, contemplei aquele fantasma de horizonte. A vida está a transformar-se nesse campo interminável: Verdun. Dentro em anos ou em meses, quando a Humanidade acordar da loucura e da fatalidade desta hora de extermínio, encontrar-nos-emos num Mundo sem Juventude, donde a existência humana terá sido cortada ao nascer—num Mundo de árvores sem rebentos, de pomares sem flor, de fontes exaustas, de berços sem promessa, de manhãs sem amanhecer...

*

Tôdas as guerras, até hoje, foram guerras ao presente. Pela primeira vez se faz a guerra ao futuro. Porque é o futuro, principalmente, que uma época que perdeu o sentimento das proporções da dor e da sua própria resistência, está a mutilar irremediàvelmente. Estão a desaparecer do Mundo «os vinte anos» — lançados na voragem insaciável das carnificinas. Esta expressão pode ter, para alguns, só o significado poético e primaveril que lhe empresta a imaginação literária. Mas é preciso pensar no sentido humano, real e social, que esta idéia representa.

Sacrificar, nos seus elementos vitais, uma geração não é privar apenas a Humanidade de uma esperança: é cercear-lhe as possibilidades de renovação que a rotação infinita da vida implica e impõe. Uma geração é uma reserva—é a sementeira sem a qual a existência, vazia de raízes, se estanca. E' o maior capital humano.

E a perda formidável dêsse formidável capital não será apenas física — será também moral. Dos destroços que ficarem de uma juventude sacrificada saïrá uma Humanidade, não apenas fisiològicamente deminuída, mas espiritualmente enfraquecida. A concentração de todos os esforços, de todos os objectivos no drama de sangue e ferocidade que vivemos, determinará fatalmente um traumatismo sem precedentes e um abaixamento considerável do nível moral e da cultura no mais próximo futuro.

Durante estes anos de grande aventura da Morte, as escolas têm estado, para os que combatem ou emigraram, pràticamente fechadas: a preparação espiritual, donde deveriam saír amanhã os médicos, os engenheiros, os chefes da indústria, do saber, da inteligência e do govêrno, os inventores e os artistas, só muito incompletamente pode fazer-se. Essa mutilação moral não é menos grave do que a amputação material.

Mas se há uma geração, directamente atingida na sua existência e na sua formação, há outra condenada no seu gérmen e no seu despertar. E' a criança. E' a criança atirada para os exílios em massa, errante, órfã, insuficientemente nutrida, criada no egoísmo, na tempestade, no turbilhão das mais precoces angústias. Essas provações, na sua dureza e até no inevitável e amargo pressentimento da injustiça que criam no subconsciente infantil, marcarão indelèvelmente a melancólica infância de hoje com todos os grandes estigmas do pavor, e da rebelião, da fome, do esgotamento nervoso, do abandôno.

Durante cinqüenta ou sessenta anos a Humanidade sofrerá, sem dúvida, de um colapso enorme das suas fôrças de saúde e de espírito—e portanto de alegria, de confiança e de cultura. As cidades arrasadas, os museus destruídos, as populações dizimadas, os milhões de homens mortos ou inutilizados, os campos desertos, as riquezas aniquiladas, as paixões desencadeadas — tudo isso seria pouca e remediável coisa, se fôsse apenas a catástrofe do dia de hoje. Mas o mais grave é que êsse gigantesco sacrifício é também do dia de amanhã.

E êsse ingente problema não comporta soluções, nem planos de reorganização, nem modalidades de assistência internacional. E' irremediável —porque pertence às leis materiais e implacáveis que não cabe no poder dos homens modificar. Essa é a herança trágica, entre as grandes tragédias, com que o nosso tempo entra na História. De tôdas as ruínas, essas serão as maiores, talvez aquelas cujo pêso e cuja expiação os homens de hoje terão de suportar—além da morte.

Distribuïção do Correio

Já começou a ser feita a distribuïção do correio ao domicílio nas freguesias de Creixomil e Urgezes, assunto que foi tratado largamente nas colunas do nosso jornal, que se sente satisfeito por ver coroada do melhor êxito mais uma das suas campanhas em prol do progresso do concelho, muito embora isto pese aos *Mouras* e quejandos...

Para boa regularização dos respectivos serviços e segundo aquilo que recomenda o muito digno Chefe dos Correios, nosso prezado amigo Sr. Julião Carneiro da Silva, devem as pessoas interessadas indicar sempre na correspondência que se destine às referidas freguesias os lugares onde moram os destinatários.

A maior ruína

E' do nosso distinto colega «Diário de Notícias», de Lisboa, o magistral artigo que, com êste título, publicamos em *fundo*, para êle chamando a atenção dos nossos leitores, tão palpitante de realidade é o seu conceito como formosa de pensamento é a sua doutrina.

No meu cantinho

Tinha muita razão Eduardo Mota! Ouvira no Rádio o discurso do Embaixador do Brasil na nossa Academia e achara-o uma peça oratória de alto preço.

A avaliar pelos recortes que o «Comércio do Pôrto» nos oferece, Neves da Fontoura deliciou os ouvintes com uma jóia literária de finíssimo quilate.

Nessa formosíssima jóia engastam-se o amor da Língua comum e o equilíbrio da irresistível independência e a visão completa das realidades.

O Literato e o Político pairam em região bem alta.

Oxalá tudo quanto salientou se faça, sem delonga, realidade contentadora.

A terrível questão da ortografia!...

* * *

Êste domingo, 28, fêz-me rir um bocadote.

Na secção *Vária* do «Notícias» do nosso labor vinha uma adorável picada ao meu querido Mestre Augusto Moreno.

À caturrice de querer que *o alude* elimine *a avalanche*. Que o casteihano prevaleça ao francês.

E a graça é que na *Educação Nacional* do mesmíssimo dia, lá vinha, entre 22 licõezinhas, o caso visado no *Notícias*. Repetições em que o Mestre cai por vezes.

* * *

E o meu rir de garotote foi quando, após a picada, era citado um pensamento de Voltaire, falando da Língua francesa, que se traduzirá assim: —E' uma pobrezinha que dá esmola a tôdas as línguas.

Mas... não estraguemos o francês: —*C'est une pauvrette qui fait l'aumône à tout le monde.*

* * *

Aqueles quatro dias de repouso em princípios de Novembro findo atrasaram-me as leituras relanceadoras.

A *Brotéria* de Outubro ficou ali em descanso também, a pobrezinha!

Pobrezinha?! Sempre muito rica.

A. Veloso sabe esgrimir.

Na perspectiva de nova síntese filosófica tal qual esgrimia no «Fradique» com Tomás Ribeiro Colaço.

Mesmo para os ignorantes das filosofias várias, aquelas doze páginas são um deleite de escrever e uma delícia de argumentar.

* * *

No mesmo número Augusto César Pires de Lima faz em cinco páginas diversos reparos às edições das *Pupilas* tão relidas, tal qual fizera em nota final da última edição do popularíssimo romance, na qual nota encheu doze páginas.

O eminente Investigador estranha com razão sobejante algumas diabruras de revisão. Mas por vezes essa estranheza é excessiva.

Quem algum dia reviu, sabe o Calvário que teve de calcar.

E o incansável Publicista não devia esquecer êsse terrível percalço.

* * *

Começou hoje Dezembro e já chegou o *Boletim Mensal* respectivo.

Bem feitinho, e cheiinho de interêsse.

Aquelas oito páginas do *Natal franciscano* são um belo poema de sentimento e erudição.

Na boa Prosa também há Poemas!

G.

Nobre gesto

Dois conterrâneos nossos e amigos dedicados do nosso jornal — os Srs. Albano de Sousa Guise e seu irmão Arnaldo de Sousa Guise — acabam de enviar-nos do Rio de Janeiro, onde há muito vivem e disfrutam de uma posição elevada, os seus generosíssimos óbulos para os nossos pobres, a exemplo do que há anos já vêm fazendo e bem merecem o nosso reconhecimento, a nossa maior gratidão, em nome de tantos e tantos pobres que contemplamos.

Como se verá na secção respectiva, o Sr. Albano de Sousa Guise, um coração a trasbordar bondade, alma aberta sempre que os seus semelhantes precisam, mandou-nos SEIS CONTOS para serem distribuídos em partes iguais: pelos nossos pobres, para a Ceia do Natal em S. Crispim e para a Casa dos Pobres de Guimarãis.

Lá muito longe nunca se esquece, nem mesmo espera que lhe vão bater à porta. Parece que adivinha as necessidades, as horas angustiosas de tantas famílias a quem o Destino tem sido adverso.

Grande a sua alma! Simplesmente bondoso o seu coração! Generosíssima a sua bôlsa!

Que Deus o cubra de bênçãos, assim como a todos os que lhe são queridos.

O Sr. Arnaldo de Sousa Guise, dotado igualmente dos mais nobres sentimentos, e que, como seu irmão, nunca esquece a sua Terra, mandou-nos também a importância de mil escudos para os pobrezinhos do nosso jornal.

Com essas importâncias, valiosas sem dúvida, muitas lágrimas já enxugaremos na próxima quadra festiva do Natal.

E todos bendirão os nomes dos seus grandes Amigos e devotados protectores.

O *Notícias de Guimarãis* louva e agradece os gestos nobres dos seus bons amigos e distintos conterrâneos.

Há um ano

Faz amanhã um ano que muitas centenas de antigos alunos do nosso Liceu e por iniciativa do nosso jornal, prestaram condigna homenagem ao Professor ilustre José Luís de Pina.

Recordamos com saüdade essa festa pelo brilho que a revestiu.

Beneficência do «Notícias»

Transporte . . . 1.898$00

Para os 3 gémeos da Rua da Liberdade, recebemos:

Anónimo	100$00
Anónimo	5$00
Augusto Joaquim da Silva Guimarãis	5$00
A. A. P.	100$00
Benjamim Pereira dos Santos	20$00
Ant.º Faria Martins (Guimarãis)	20$00
O mesmo (produto duma aposta)	20$00
Martinho da Silva	20$00
A' memória de Joaquim Martins Guimarãis	100$00
P. C.	10$00
Damião de Sousa Oliveira	20$00
M. A. B.	10$00
Augusto Pinto Lisboa	20$00
F. O.	5$00
Artur Fernandes de Freitas	50$00
A. L. R.	20$00
Produto de um concurso de Charadas, realizado no dia do 1.º aniversário da *Tertúlia Edipica Vimaranense*, por intermédio do nosso bom amigo Sr. António Joaquim de Magalhãis	102$50

Para a Ceia de Natal de S. Crispim:

Albano de Sousa Guise, do Rio de Janeiro	2.000$00

Para a Casa dos Pobres de de Guimarãis:

Albano de Sousa Guise, do Rio de Janeiro	2.000$00

Para duas senhoras pobres e doentes:

Produto do *Torneio Beneficente*, realizado pela Secção do nosso jornal *Notícias do Edipista*	143$50

Para os nossos pobrezinhos no Natal, recebemos:

Albano de Sousa Guise, do Rio de Janeiro	2.000$00
Arnaldo de Sousa Guise, do Rio de Janeiro	1.000$00
Delfim de Guimarãis (Gaia)	20$00
Dr. António Augusto da Silva Carneiro (Lisboa)	20$00
Benjamim Pereira dos Santos	20$00
A' memória de Joaquim Martins Guimarãis	100$00
Joaquim da Silva Xavier, Espôsa e Filhos, sufragando a alma de seu sempre chorado Filho—José Ribeiro da Silva Xavier	50$00
Augusto Pinto Lisboa (Pevidém)	50$00
Alberto Pimenta Machado	500$00
Artur Fernandes de Freitas	50$00
A. L. R.	30$00
A transportar . . .	10.509$00

Dislates insolentes

O Sr. José Ribeiro de Freitas Moura mais uma vez se deixou seduzir pelo contacto da traiçoeira patita de um lobo domesticado que na sua freguesia estabeleceu pousada. Supúnhamo-lo já desligado da humilhante situação em que o tem colocado o facto de assinar por outro alguns arrazoados publicados no «Diário do Minho», mas continua, infelizmente, como encobridor de certa pessoa que repete sempre o mesmo disco sôbre a delimitação das freguesias da cidade, quer quanto a argumentos, quer quanto a torpes insinuações.

Desta vez, no citado jornal, de 28 do mês findo, colocou em nível mais elevado a sua já conhecida arrogância, acusando-nos de autor de dislates insolentes e procurando, ainda, comprometer outros colaboradores do «Notícias de Guimarãis», assim como êste próprio jornal e, embora mais levemente, o velho «Comércio de Guimarãis», os únicos jornais locais e ambos paladinos defensores dos interêsses dêste concelho.

Pelo que nos diz respeito, apenas apelamos para a consciência das pessoas que lêem o «Notícias» e o «Diário do Minho» a-fim-de que, com justiça e com imparcialidade, vejam de que lado tem soprado o vento dos tais dislates insolentes. Felizmente, não trocamos a percentagem da nossa educação pela do verdadeiro autor dos artigos que o «Diário do Minho» tem publicado, subordinados à epígrafe «O alargamento da cidade», e se alguma coisa nos preocupa não é o miserável sudário de insinuações de um indivíduo que miseràvelmente abusa do nome de outrem para procurar sujar pessoas de bem com a lama onde chafurda. O que nos preocupa é a circunstância de os leitores do «Diário do Minho», que não lêem o «Notícias de Guimarãis», serem ludibriados na sua boa fé e, portanto, fazerem uma apreciação menos justa daquilo que nós e outros colaboradores temos escrito no «Notícias» sôbre o assunto em referência.

De resto, os Srs. José Ribeiro de Freitas Moura, P. Lôbo & C.ª constituem uma sociedade de interêsses bairristas de crédito muito abalado.

Por nós, será esta a última vez que gastamos tempo com semelhantes agentes do enxovalho e da deturpação da verdade. Sem ofensa para as respectivas Direcções, «Notícias» e «Comércio de Guimarãis» que os aturem, tanto mais que foram postos *à prova de fogo*...

E' preciso, pois, que a espada do comando também se faça sentir.

S. S.

N. da R.

Não damos ao Sr. Moura, nem a ninguém, o direito de duvidar de nós. As nossas acções e a nossa fôlha de serviços falam bem mais alto do que todos os seus insultos.

Que nos temos interessado pelo concelho inteiro, que temos pugnado pelas boas causas e lutado até, muitas vezes, com sacrifício para que vão por diante as melhores iniciativas, sabe-o tôda a gente, e não haverá nenhum *Moura* que seja capaz de provar-nos o contrário, disso temos a certeza absoluta.

Que o Sr. Moura anda por caminho errado, de olhos vendados, só assinando, e muito mal, aquilo que lhe *sopram* ao ouvido, também disso estamos convencidos. Mas pode o Sr. Moura continuar, sempre que os *garfos* e as *facas* não lhe tomem o tempo precioso da sua arte, a assinar aquilo que lhe mandam, porque os *seus* insultos não nos ferem, e nós continuaremos a pugnar, com serenidade, com conhecimento de causa e com **bairrismo** —embora isso *lhes* pese— pelo bem de Guimarãis.

Tomamos inteira responsabilidade daquilo que fazemos, e oxalá o Sr. Moura e os seus mentores pudessem igualmente assumir a responsabilidade de tudo quanto escrevem e assinam, com o único propósito de *Bota abaixo!*

GAZETILHA

Há um desejo universal: —
E' o de ver extinto o mal
que a Humanidade consome;
ver êsse monstro abatido
que traz o Mundo envolvido
numa tragédia sem nome.

A guerra é uma desgraça
que na Humanidade passa
com proveito para poucos...
Os que julgaram lucrar
em a desencadear
tiveram sonho de loucos.

Cidades maravilhosas,
tantas vidas preciosas,
milhões de ser's inocentes,
tem o monstro devorado,
sem se mostrar enjoado,
sempre a arreganhar os dentes.

Maldita seja a ambição
que fêz gerar a paixão,
o desvario, o furor,
que atirou o pobre Mundo
p'ra êsse abismo profundo
feito de tristeza e dor.

Mas isto tende a acabar!
Já se vislumbra no ar
uma nuvem bonançosa...
E quando ela o céu cobrir,
muita gente vai caír
com *borracheira* famosa.

BELGATOUR.

Concertos culturais

A-propósito do concerto Isolda Gama - Eurico Tomás de Lima, a realizar em 15 do corrente, da iniciativa da Sociedade Filarmónica Vimaranense, passamos a transcrever do abalizado crítico musical do «Jornal de Notícias», Juliano Ribeiro, as suas impressões àcerca da cantora que nos visita:

«Isolda Gama, nascida em Lourenço Marques, é, artìsticamente, um caso prodigioso. Nunca ouvimos nada parecido. Ouvimo-la há dias, em sessão íntima, acompanhada ao piano pelo concertista Eurico Tomás de Lima — um mestre —.

Ficamos assombrados. Isolda Gama é surpreendente nos registos agudos.»

. . . . . .

No próximo dia 15, aparecerá aos vimaranenses, numa audição única e privativa, no Salão Nobre do Grémio do Comércio, desta cidade, devendo-se êste facto à felicíssima e arrojada iniciativa da florescente Sociedade Filarmónica Vimaranense.

Sonho de um sonhador

O sonho que sonhei, vou descrevê-lo,
Que eu tenho-o na memória bem gravado...
Mas creiam que êste sonho é o mais belo
Que um sonhador podia ter sonhado...

Sonhei que um mar enorme, um mar de gêlo
Pela bôca do mundo tinha entrado
E a podridão do mundo era um novelo
Em todo o seu invólucro gelado...

Depois um novo mundo se formava
Com animais e coisas diferentes
Do outro mundo podre que findava...

Tornavam-se uma só as muitas gentes,
A Bondade de Cristo alfim raiava,
Os homens eram Homens Conscientes...

Novembro de 1943.

DELFIM DE GUIMARÃIS.

VENCEREMOS!

Salazar falou ao país, na abertura dos trabalhos da Assembleia Nacional, expondo o que — em matéria de facto — convinha esclarecer sôbre as facilidades concedidas nos Açôres ao Govêrno Britânico e sôbre a situação de Timor.

A comunicação do Chefe do Govêrno, pondo em relêvo as dificuldades que tem havido a vencer na defesa do melhor interêsse nacional, deu todo o valor e significado não só à tradicional aliança luso-britânica mas também à nossa política atlântica de amizade com o Brasil e a Espanha. Mostrando, embora, que foi possível obter sérias vantagens no acôrdo negociado com a Grã-Bretanha, Salazar não deixou de acentuar mais uma vez «que o Govêrno não teve ao decidir-se senão uma preocupação — servir o interêsse nacional» e que «o Govêrno tem a consciência de ter prestado um serviço, não de ter feito um negócio».

Quanto à situação de Timor, o Presidente do Conselho — relatando os assassinatos, os roubos, as destruïções ali havidas depois da ocupação japonesa e a impossibilidade em que se encontra o Govêrno de estabelecer comunicação eficiente com o Govêrno da Colónia — observou que «afora êste lastimoso caso, as nossas relações com o Japão têm-se mantido em termos correctos», sublinhando, a propósito, das soluções que tem sido possível encontrar para os problemas criados em Macau, que «o governador tem sido inexcedível de coragem, de tacto e de patriotismo».

«Mas a situação de Timor — afirmou enèrgicamente Salazar — persiste depois de dois anos de negociações pacientes, lentas, intermináveis, infrutíferas. E no entanto é preciso achar-lhe solução; o Govêrno entende, como o País, que é absolutamente preciso resolvê-la».

A obra, notável — singular na história da diplomacia portuguesa — que o Ministro dos Negócios Estrangeiros tem realizado, concernente à posição de Portugal perante a guerra, não pode, porém, afrouxar — mesmo com a resolução dos problemas, por vezes trágicos e sempre difíceis, que se encontram pendentes. E nem a preparação intensa do País nem o fortalecimento da sua armadura moral podem também afrouxar, porque nessas bases tem de assentar a política de Portugal no mundo, na época conturbada que há-de seguir-se à guerra. Por isso «não agravemos os problemas com alargar-lhes o âmbito, nem procuremos remédios alheios se já dispomos dos que nos servem a nós».

Saibamos manter-nos intransigentemente fiéis à palavra de ordem de Salazar: «Temos vencido as outras crises; também venceremos, porque temos condições para isso, a crise da paz. Mas precisamos de estar preparados e decididos como se fôsse para vencer a guerra».

A homenagem a Bráulio Caldas

E' já no próximo sábado, dia 11, conforme noticiámos e a hora ainda não fixada, que o nosso prezado amigo Sr. Francisco Armindo Pereira da Costa, dedicado vizelense e antigo aluno do nosso Liceu, vai realizar naquele estabelecimento de ensino a anunciada conferência sôbre a Biografia de Bráulio Caldas, o saüdoso Poeta das «Andorinhas Mansas».

Espera-se que naquele dia afluam ao nosso primeiro estabelecimento de ensino muitos antigos alunos assim como admiradores do Poeta, associando-se dessa forma à justa homenagem que ali será prestada à sua memória.

A Eva do Natal
ENCONTRA-SE A' VENDA
NO
QUIOSQUE DO JARDIM

Desagradável impressão

Desde há tempos que ranchos de crianças percorrem as ruas mais centrais da cidade a pedir esmola, facto que é diário, que causa desagradável impressão e que compromete a obra de Assistência realizada pela Casa dos Pobres, a qual, como todos sabem, é grandiosa. Além das crianças, que, sobretudo no Toural, são como nuvens de mosquitos, aparecem também alguns adultos, quási todos de outros concelhos.

Quanto às crianças, o caso assume aspecto mais grave, porque assim se vão habituando à profissão de mendigar, desviando-se do caminho que devem seguir na vida.

Chamamos para êste caso a atenção do Sr. Comandante do Pôsto Policial e fazêmo-lo convencidos de que se dignará tomar as devidas providências, embora lute com falta de guardas, o principal factor por que não pode ser feito em condições o policiamento da cidade.

De resto, sabemos que não é possível conseguir-se um serviço perfeito sem o pessoal suficiente, facto que também deve desgostar o Chefe Sr. Correia. Portanto, mais uma vez apontamos a necessidade de maior número de guardas da Polícia de Segurança Pública.

A Récita Académica

Desta vez não estão de parabéns os nossos académicos. Nem êles nem a pessoa ou pessoas que lhes procuraram encaminhar os passos para o palco do Teatro Jordão.

A Récita do 1.º de Dezembro, em comemoração desta gloriosa data, foi uma vergonha para a nossa Academia, atentas as suas gloriosas tradições.

Desde o discurso de apresentação, afinal um discurso que pouco ou nada se relacionou com o facto histórico em comemoração, até ao final, pouco ou nada houve que pudesse salvar o espectáculo.

A assistência era numerosa e fartou-se de rir, de tantos disparates.

Somos de opinião que o Orfeão Académico não devia apresentar-se como se apresentou. Já temos assistido a récitas em que o grupo coral enverga só capa e batina. Desta vez havia poucas capas, muitos vestidos de variadas côres e feitios, fardas e fatos vulgares de côres diversas também.

E o espectáculo que começou antes das 10 horas prolongou-se até perto das 2 da madrugada!

Albano de Sousa Guise

A propósito do donativo do Ex.mo Sr. Albano de Sousa Guise para a Casa dos Pobres, recebemos o seguinte ofício:

... Sr. Antonino Dias Pinto de Castro, digníssimo Director do «Notícias de Guimarãis» — Nesta.

Como foi por intermédio de V. ... que a Direcção desta Casa dos Pobres recebeu o donativo de 2.000$00 do querido Vimaranense e devotado protector desta Instituïção de Caridade, Sr. Albano de Sousa Guise, venho pedir-lhe se digne transmitir a êste estimado e generoso benfeitor o mais vivo reconhecimento desta Direcção, fazendo-o também em nome dos pobrezinhos que recorrem dia a dia esta Casa e na qual encontram o fruto abençoado da Alma dos seus benfeitores.

Ao Sr. Albano Guise, que já tem aqui um Altar de veneração, deseja a Direcção desta Casa a continuação das suas felicidades.

Sbscrevendo-me com estima, apresento a V. ... os meus cumprimentos.

A Bem da Nação.

Camilo Larangeiro dos Reis.
(Tesoureiro).

Crónica Tripeira

REPARTIR COM O PRÓXIMO

Ela era magra mas bem contornada. Tinha olhos fundos, uns olhos côr de céu, melancólicos e benignos, que lembravam mil noites de insónia a fitar o azul da quimera e mil sonhos turbulentos a debater-se contra a falta de castidade com que Morfeu tanto e tanto atormenta os corpos virgens. As mãos eram delgadas, compridas, branquicentas, como de estátua de mármore talhada a primor.

Ele era bastante diferente e a rudeza dos seus modos não condizia de forma alguma com o "ar aristocrático„ que se notava na mulher que tinha à sua frente. Não são raros estes casos. Quantas e quantas vezes um homem feio, brutamontes detestável, talvez com defeitos, costuras na cara, beiços grossos de preto, orelhas grandes de certo animal que todos conhecem, não fascina uma dessas flôres de estufa mimosas e atraentes, levando-nos a preguntar: "Como é que uma mulher tão bela casou com um homem tão ratão?!„ A gente não sabe bem; mas, por vezes, êsses "ratões„ têm a esperteza de ratos e possuem uma língua de oiro, falando melhor do que escrituras.

Pois *Ele* era feio. O cabelo quási começava nas sobrancelhas. Testa com a altura de um dedo. Se a inteligência se apreciasse pelas testas amplas, poder-se-ia afirmar que era um bruto. Nariz comprido e curvo, dentes pretos de fumar, bigode à americana e bochechas caídas de "bull-dog„.

Apesar disso, namoravam. Há homens com muita sorte. A's nove em ponto, *Ela* vinha à janela, *Ele* aparecia na curva da rua e, dentro de um minuto, cumprimentavam-se demoradamente. Namorava de porta aberta. Mas nunca se disse... nada. Nem a língua aguçada da vizinha da frente que para não jurar falso, espreitava por entre os vidros.

Naquêle dia, *Ele* não trouxera anedotas no alforge e *Ela* deixara o sorriso no espelho. Muito tempo estiveram calados. *Ele*, por fim, continuando a conversa, disse:

— E' isto precisamente o que mais me aborrece: Saber que uma mulher já andou pelos lábios e pelos braços de outro. Amanhã casa-se e o que dirão êsses tais? "Quem me dera tantos contos de reis como de beijos aquela mulher me deu! Quem me dera...„ Oh! isto é aborrecido! Até faz calafrios na espinha!

Não houve tempestade. *Ela* respondeu mansamente:

— Escusas de ter receio. Bem sabes que ninguém dirá nada, porque nada houve. Só te amo a ti. Tive outros namoros, mas nunca senti por nenhum o que por ti sinto. Queres que te diga que não gosto de ti? Queres que te diga que não tive namoros?

— Quantas vezes já terias dito isso aos outros! Quantas!! E nós os homens somos os eternos "anjinhos„. Confiamos, quando o mundo é tão falso!...

Ela gardou a bôca fechada. Motivos só *Ela* os sabe. Admitamos, porém, que muitas vezes vale a pêna não se justificar. Os argumentos leves, em certas ocasiões, são como pouca água em grande fogueira: Aumentam-na.

Ele, novamente, depois de um silêncio pesado:

— Por que será que as mulheres amam a tantos e dizem sempre que só gostam do último?!

Ela ripostou muito senhora do seu papel:

— Olha: O amor não nasce para estar guardado. O amor dá-se. Só os somíticos é que fecham a sete chaves os seus bens. E creio que no amor não há somíticos. Dar o que temos com abundância é uma virtude. A minha riqueza é o amor. Todo o meu coração regorgita dêle. E repara bem que até Deus nos mandou amar os outros sinceramente e nos manda repartir com o semelhante aquilo que temos, o que originou êste princípio cristão: quem dá aos pobres empresta a Deus. Por que não se há-de dar amor?! O amor dado é também um empréstimo a Deus. Deus fica-nos devedor.

Não sei se disseram mais alguma coisa. Um rádio de um quarto andar, com as guelas tôdas abertas, encheu-me os tímpanos com a música de "A Portuguesa„. Era meia-noite. "Heróis do mar...„ Certamente no peito d'*Ele*, ecoaria o hino "Heróis do amor„. "Heróis da sorte„. Seria também um dêsses heróis?

Ferreira Tôrres.

FESTAS NICOLINAS

Estão a decorrer, com muita animação e brilho, as tradicionais Festas Nicolinas, levadas a efeito pelos simpáticos e briosos estudantes do nosso Liceu, em obediência ao velho Estatuto.

Na segunda-feira, à noite, por volta das 24 horas, deu entrada na cidade o cortejo do «Pinheiro», o mastro anunciador dos folguedos académicos, tendo-se juntado muita gente para presencear o desfile.

Tomaram parte o grupo de Zés P'reiras, três interessantes carros alegóricos e bastantes juntas de bois, que precediam o carro do Pinheiro, fechando o cortejo a Bandas dos B. V. G que executou, durante o trajecto, o Hino Nicolino.

Ontem à noite houve o «Magusto», que decorreu animadamente. Hoje à tarde saïrá o «Pregão», sendo recitado nas ruas e praças o Bando Escolástico, da autoria do nosso querido conterrâneo, amigo e colaborador dêste jornal, sr. Delfim de Guimarãis.

As festas terminam amanhã com o «Cortejo das Maçãs» e as «Danças».

Todos êstes números prometem decorrer com entusiasmo.

Continua o silencio

A-pesar-de a opinião pública aguardar com ansiedade a solução sôbre a transferência da taberna da rua de Paio Galvão para outro local, nada de novo há a registar. Não compreendemos semelhante silêncio e contra êle protestamos com o devido respeito.

Conforme o que se tem dito —e já por mais vezes— o embelezamento da Cidade não pode ser prejudicado desde que apareça quem dê importante impulso à iniciativa particular, como sucede no caso presente. O Sr. Alberto Pimenta Machado, que está a proceder à construção de um Armazém em condições de ser considerado entre os primeiros do país, não pretende o prédio em referência para o negociar, mas sim para o demolir e aproveitar aquêle espaço para a continuação do referido Armazém, aformoseando com isso — mas em considerável proporção — o recanto onde funciona a taberna, indevidamente ali instalada.

Não se julgue, porém, que é nossa intenção defendermos os interêsses do Sr. Pimenta Machado em prejuízo dos da proprietária da taberna. Não. Seríamos incapazes de assim proceder, não só por contrariarmos a nossa consciência, mas também porque temos o maior respeito e a maior consideração pela qualidade da humildade. Portanto, não temos outro fim em vista a não ser o de pugnar pelo embelezamento da Cidade, neste caso muito prejudicado com a continuação da mencionada taberna, à qual de forma alguma negamos o direito de funcionar em qualquer outra parte onde não prejudique os melhoramentos da Cidade nem contrarie a lei que regula o funcionamento de estabelecimentos dessa natureza. Igualmente achamos justa uma compensação por possíveis prejuízos causados com a sua deslocação, mas dentro do que fôr de justiça e não tendo apenas em vista um rendoso negócio. Diz-se, é certo, que o *«apanhar das nozes é quando elas cáem»*. Mas isso não significa abuso e simplesmente quere dizer que devemos aproveitar as boas oportunidades para conseguirmos, dentro das nossas justas e criteriosas aspirações, qualquer coisa que nos possa interessar. De resto, a ambição e a demasiada exigência só podem conduzir-nos às conseqüências da velha afirmação *«quem tudo quere, tudo perde»*.

E' lógica e justa a defesa dos interêsses de cada um, mas sem que ao abrigo disso se procure desviar para um sistema demasiado interesseiro e de reconhecida inviabilidade. Tudo se quere no seu lugar — dizem os bem intencionados — porque, quando assim não seja, não haverá possibilidade de trilhar o caminho da verdadeira conduta social. Entendemos, pois, que em face das conveniências de ambos os lados, tudo se deve harmonizar fora do impossível. O que, no entanto, não pode suceder é o facto de se verificar que a terra é prejudicada no seu conjunto de beleza por falta de amor bairrista ou, ainda, por negligência ou inoportuna transfgência. Pelo contrário, nem negligência, nem transigência. Assim o reclama a opinião pública, que é a voz da própria terra que estamos a defender.

S. M.

DESPORTO

O Vitória bateu o Olhanense por 2-1

Do primeiro jôgo do Campeonato Nacional, iniciado no domingo, o Vitória saíu vencedor, batendo, no seu campo, com dificuldade mas justamente, o Sporting Clube Olhanense por 2-1.

A luta travada revestiu tôdas as características de campeonato, com emoção, rudeza e energia, e até isenta de perfeição técnica, como é vulgar nestas provas, onde os nervos, em regra, mandam mais do que a inteligência.

O grupo visitante, excelentemente constituído, impressionou bem sobretudo pela rapidez e energia com que actuou. Entre os seus homens, todos habilidosos e decididos, há alguns verdadeiros valores, tendo chamado sôbre si a atenção geral. Pela exibição que a equipe no seu todo nos ofereceu — vigorosa e decidida — somos levados a concluír que no seu campo o Olhanense será um *caso muito sério* para qualquer dos grupos que disputam a prova em curso.

O resultado foi-lhe desfavorável pela tangente, e está certo. Não merecia, na verdade, maior punição, pois nunca se deixou subjugar abertamente pelo adversário, dando largo trabalho à defesa dêste, a qual foi obrigada a pôr à prova os seus reais recursos.

Verdade seja que dois sectores do Vitória — o médio e o dianteiro — jogaram abaixo das suas possibilidades, contribuíndo assim para que durante a maior parte do tempo o adversário disputasse a partida taco a taco, como se diz em linguagem bilharista. Mas isso não serve para diminuír o valor dos algarvios, porque o possuem incontestàvelmente. No pormenor rapidez, sobretudo, são do melhor que tem passado pelo Benlhevai.

Mas, como atrás se diz, os vimaranenses não estiveram nos seus melhores dias, jogando menos do que aquilo de que são capazes, e poderiam ter sofrido um revés — que, mesmo assim, não seria justo — se Machado não se mostrasse, como mostrou, sempre atento e seguro em tôdas as suas intervenções, que não foram poucas.

A linha de ataque, apenas esforçada, finalizou mal muitos lances. A asa direita, sobretudo, jogou mal. O próprio Miguel pouco mais teve de bom do que o tento que marcou — grande tento por sinal.

Na linha de médios, Zeferino acusou bem o forçado *estágio* a que foi sujeito. Faltou-lhe a mobilidade e o gás... para agüentar a velocidade do jôgo. José Maria tentou fazer «bonitos» na primeira parte, retendo demasiadamente a bola, raras vezes levando a melhor. Na metade final melhorou e foi útil. Castelo, enquanto se não magoou, cumpriu.

Os defesas tiveram intervenções oportunas e foram valentes. Foi pena Lino magoar-se, porque estava a jogar bem.

Mas a jogar com conta, pêso e medida, foi Machado, que chegou a ser brilhante.

Neste encontro, rápido e enérgico, pôde bem apreciar-se a necessidade que o Vitória tem de resolver o problema dos seus extremos avançados. Na prova do distrito êsse mal não se fêz sentir demasiadamente. Mas agora há que resolvê-lo o mais ràpidamente possível. Brioso, à esquerda, não está positivamente no seu lugar. E Laureta, o esforçado Laureta, já deu o que tinha dar — e que não foi pouco.

¡Que diferença entre êles e os dois velozes e expeditos algarvios que ocupam igual pôsto!

Se não se resolver êste problema, mal irá à equipe, sobretudo quando tenha de actuar fora do seu terreno.

Na primeira parte, que foi jogada de igual para igual, só com mais rapidez por parte dos visitantes, marcou-se apenas um tento. Fê-lo Ferraz com entrada fulgurante a uma bola que Alexandre lhe deu, havia 33 minutos de jôgo. Mas ambos os guarda-redes tiveram trabalho notável e aturado, verificando-se maior número de «perdidas» por parte do ataque vitoriano.

Na segunda parte, os locais entraram com mais decisão, mas foram os algarvios que estabeleceram o empate, aos 19 minutos, por Salvador, numa jogada sem aparato. Este tento, porém, provocou forte reacção dos vimaranenses, que passaram a comandar mais claramente, obtendo, mercê disso, aos 22 minutos, o *goal* mais vistoso do encontro, rematado de cabeça por Miguel. Até ao final do desafio, e apesar de estarem visìvelmente magoados Lino e Castelo, os vimaranenses tiveram supremacia territorial, mas sem resultado prático.

O resultado de 2-1 está, portanto, certo.

Boa e com autoridade a arbitragem de Manuel Vale Ramos, do Pôrto.

No Olhanense, o guarda-redes, o médio centro, o médio-esquerdo, os extremos e o avançado-centro, revelaram se-nos excelentes jogadores.

*

Antes de iniciado o jôgo, o Sr. António Faria Martins, ilustre Presidente do Vitória, fêz ao microfone da Cabine Sonora uma vibrante alocução ao público, sôbre deveres de hospitalidade e correcção para com os visitantes, que mereceu aprovação unânime, traduzida, no final, por grande ovação.

*

Hoje vem ao Benlhevai o Foot-ball Clube do Pôrto. O jôgo tem lugar às 15 horas e é arbitrado pelo Sr. Evaristo Meneses, de Coimbra.

J. Gualberto de Freitas.

AOS MÉDICOS

São avisados, por êste meio, todos os indivíduos isentos, recenseados pelo Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 8, bem como as territoriais pertencentes ao mesmo, formados em medicina, a comunicar tal facto na Câmara Municipal dêste concelho (Repartição dos Serviços Policiais de Justiça) imediatamente.

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO E SANTOS PASSOS

Assembleia Geral

São convidados todos os Irmãos a comparecer na Sala das Sessões, dependência anexa à sua Igreja dos Santos Passos, no Largo da República do Brasil, no dia 12 do corrente, pelas 9 horas, para cumprimento do preceituado no art.º 22.º do Compromisso desta Irmandade e da lei em vigor.

Se não comparecer número suficiente de Irmãos, desde já se faz nova convocação para o domingo imediato, 19, à mesma hora e no mesmo local.

Guimarãis e Secretaria da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 3 de Dezembro de 1943.

O Provedor,

a) *António José Pereira de Lima.*

PIANO

Toma-se de aluguer, para estudo, podendo ser em casa do proprietário, desde que seja em quarto independente.

Guarda-se sigilo. 506

Carta a esta Redacção a A. M.

UMA FESTA

na Associação Artística Vimaranense

Revestiram-se de invulgar brilho as festas da Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense, que se realizaram no dia 1.º de Dezembro e no decorrer das quais se procedeu à solene inauguração dos importantes melhoramentos por que acaba de passar a sede daquela prestante colectividade.

Segundo o programa estabelecido, celebrou-se, às 10 horas, uma missa, no templo de N. S.ª da Oliveira, tendo assistido ao religioso acto a direcção e muitos associados da colectividade em festa, assim como os Sindicatos Nacionais e outros organismos com os seus estandartes, os quais atravessaram as ruas da cidade acompanhados pela reputada Banda da Sociedade Filarmónica Vimaranense.

A's 11 horas, no Salão Nobre da Associação Artística, que ostentava uma sóbria mas elegante decoração, realizou-se a sessão solene comemorativa. O salão estava repleto de pessoas de tôdas as camadas sociais.

Assumiu a presidência o muito digno Delegado do I. N. T. e P. Sr. Dr. Henrique Cabral, e viam-se em lugares reservados os Srs. Dr. Alberto Milhão, representante da Câmara Municipal; José Luís de Pina, Comandante dos Bombeiros Voluntários; Dr. Aventino Leite de Faria, vice-Reitor do Liceu de Martins Sarmento; Escultor António Azevedo, Director da Escola I. e C. Francisco de Holanda; Casimiro Martins Fernandes, Presidente do Grémio do Comércio de Guimarãis; João António Ribeiro, Presidente do Conselho de Gerência do Entreposto Fabril de Curtidos de Guimarãis; António Fernandes e Manuel Magalhãis, presidentes, respectivamente, da Assembleia Geral e da Direcção da colectividade em festa, Luís Filipe Coelho, representantes dos diversos organismos corporativos e mutualistas, etc., etc.

O Sr. Dr. Henrique procedeu, por entre calorosos aplausos, ao descerramento dos retratos dos senhores Presidentes da República e do Conselho, assim como dos sócios daquela colectividade, Srs. José Francisco Carneiro e Manuel Ferreira da Costa, que à mesma têm prestado relevantes serviços, e da benemérita senhora D. Eulália da Cunha e Costa Melo, à memória de quem foram proferidas algumas palavras de homenagem.

Seguidamente usou da palavra o Sr. Manuel de Magalhãis que leu um interessante discurso de saüdação às entidades presentes e de homenagem aos Chefes da Revolução Nacional, referindo-se depois à data histórica que foi escolhida para aquela solene comemoração.

Foi depois concedida a palavra ao orador oficial da sessão, o Prof. Sr. Luís Filipe Coelho, a quem a assistência dispensou o mais carinhoso acolhimento.

O orador apresentou um interessantíssimo trabalho, no decorrer do qual e uma vez mais nos revelou, exuberantemente, as suas raras qualidades de inteligência e os seus vastos conhecimentos históricos e mutualistas.

Fêz-nos a história de vários povos e bordou interessantíssimas considerações à volta das palavras Ordem e Progresso.

Falou depois o Sr. Dr. Alberto Milhão, em nome do Sr. Presidente da Câmara, para se associar às homenagens ali prestadas aos Srs. Presidentes da República e do Conselho, apresentando cumprimentos ao Sr. Dr. Henrique Cabral, à Direcção daquela colectividade e ao orador daquela sessão.

Finalmente levantou-se o Sr. Dr. Herique Cabral. S. Ex.ª foi recebido com uma estrondosa salva de palmas.

Refere-se à transformação que se tem operado nas condições de vida dos nossos trabalhadores. Afirmou que êsse assunto tem merecido ao Estado particular atenção. Refere-se depois ao individualismo do século XIX que deu lugar a que os trabalhadores fôssem postos à margem dos seus próprios e limitadíssimos recursos. Foi mercê dêsse estado de coisas que se fundaram as Associações de Socorros Mútuos, que floresceram pelo país além. Avaliam-se hoje, segundo o orador continuou a afirmar, os valiosos serviços prestados por essas colectividades.

A Associação Artística Vimaranense tem a sua história e merece-lhe, por isso mesmo, a sua melhor estima.

O ilustre Delegado do I. N. T. e P. significa depois a todos os componentes da Associação o seu aprêço pelas instalações que se inauguravam e pela festa que decorria.

Agradece o acolhimento que lhe foi dispensado e afirma a convicção de que os Srs. Presidentes da República e do Conselho saberão compreender e sentir a homenagem que ali lhes foi prestada. Conclui afirmando que dará sempre àquela instituïção o seu melhor esfôrço para que ela possa consagrar a sua obra com os maiores benefícios para os associados.

Uma calorosa e demorada salva de palmas sublinhou as últimas palavras de S. Ex.ª.

Seguiu-se uma visita às dependências da Associação assim como às instalações do Entreposto, sendo aqui os convidados amàvelmente recebidos pelos componentes do Conselho de Gerência Srs. João António Ribeiro e Armando Martins Ribeiro da Silva.

Por entre aplausos o Sr. Dr. Henrique Cabral descerrou um quadro de honra dos industriais de cortumes, como sócios honorários, Srs. Eduardo Torcato Ribeiro, António Ribeiro Martins da Silva, António Leite, João António Ribeiro, Armando Martins Ribeiro da Silva, Dr. Francisco Fernandes (Delegado da Junta Nacional dos Produtos Pecuários), António José de Oliveira, Filhos, Alvaro de Oliveira Leite, António Pinto Leite, Amadeu Miranda & Filhos, Castro, Couto, Ribeiro & Cunha, Cortumes da Caldeirôa, Limd.ª, Cortumes das Hortas, Limd.ª, Fábrica de Cortumes de Roldes, Limd.ª, José Torcato Ribeiro J.r, José Pinheiro Guimarãis & Filhos, José Maria Leite & Miranda, Ferreira & Carvalho, após o que o Sr. João António Ribeiro pronunciou um brilhante discurso, associando-se às homenagens prestadas e exteriorizando a satisfação que experimentou ao vêr bem conjugados os esforços entre os industriais de cortumes e a direcção daquela associação mutualista.

Disse que os industriais de cortumes vêm dispensando, de longe, os seus serviços à causa do mutualismo, trabalhando por aquela colectividade já desde 1872. E, a propósito, lembra nomes, nomes de homens que representam autênticos valores: Comendadores José Luís Fernandes e Manuel Teixeira de Carvalho, António José de Oliveira, José Maria de Oliveira, Eduardo Almeida, José Torcato Ribeiro e tantos outros em número superior a trinta que naquela casa exerceram diversos cargos directivos.

O orador foi, como os demais, muito aplaudido.

*

Na Pensão Império, realizou-se, a seguir, um almôço, que decorreu no meio da mais franca alegria, tendo o serviço confirmado os bons créditos daquela modelar casa. Presidiu, como representante do Sr. Presidente da Câmara, o Sr. Dr. Alberto Milhão.

*

A's 15 horas realizou-se a distribuïção dos prémios aos alunos das escolas, filhos dos associados, que mais se têm distinguido nos seus estudos.

Presidiu o Sr. Dr. Alberto Milhão, e, em lugares reservados, tomaram lugar diversas individualidades.

Depois de aberta a sessão usaram da palavra os Srs. Luís Filipe Coelho e P.e Avelino Pinheiro Borda, muito digno professor do Liceu de Martins Sarmento.

O Rev. Avelino Borda, depois de algumas palavras de respeito, de admiração e de estima para a Câmara Municipal e para a Direcção daquela instituïção, dirigiu-se aos premiados dedicando-lhes palavras de carinho e de incitamento ao Trabalho, que é a maior fortuna que podemos adquirir ou herdar.

A sua lição, breve mas cheia de bons ensinamentos foi escutada com a maior atenção e sublinhada com demorados aplausos.

Seguiu-se a distribuïção dos prémios, que foi abrilhantada pela filarmónica vimaranense.

OS GEMEOS

DA RUA DA LIBERDADE, MORRERAM.

Bastantes foram as pessoas que vieram até nós, interessando-se pelos pobres gémeos da Rua da Liberdade. Consolou-nos imenso o facto de constatarmos o carinho votado a êsses 3 inocentinhos e a sua pobre mãe, e cá estamos, por isso mesmo, a louvar todos quantos acorreram ao nosso apêlo.

Em Guimarãis abundam, felizmente, as almas generosas. Todos compreendem a dor alheia e são dotados de sentimentos capazes de minorá-la. Temos verificado isto vezes sem conta e há bem poucos dias o verificámos uma vez mais, consoladoramente.

Os três gémeos morreram na segunda-feira última com poucas horas de intervalo uns aos outros. Sua mãi tem estado doente, muito doente mesmo. Mas está reconhecida, muito reconhecida mesmo, às pessoas que lhe prestaram, por intermédio do nosso jornal, o seu auxílio valioso.

Na secção *Beneficência* damos nota dos muitos donativos que recebemos, mas faltaríamos a um dever imposto pelo nosso coração, se não fizessemos referência, breve e singela embora, a outros gestos de benemerência, que registamos.

A Ex.ma Sr.ª D. Ana Mendes Fernandes Pimenta, espôsa do importante industrial e benemérito das nossas Casas de Beneficência, Sr. Alberto Pimenta Machado, mandoudos entregar, para os gémeos da Rua da Liberdade, algumas baetas, bastantes metros de bom pano e de flanela para agasalhos.

Tendo compreendido a situação aflitiva duma pobre mãi depressa veio em seu auxílio enviando um avultado donativo em fazendas.

O ilustre médico e muito digno director clínico do Hospital da Misericórdia, Sr. Dr. Alberto Ribeiro de Faria, foi quem prestou aos inocentinhos José, Tadeu e Maria das Dores a assistência clínica, cuidada e persistente e fê-lo sem querer receber um centavo.

O muito digno provedor da Santa Casa da Misericórdia, Sr. Mário de Sousa Menezes, interessou-se, desde a primeira hora, pelos pobres gémeos e pôs para isso à sua disposição os serviços que fôssem necessários daquela grande instituïção de Caridade.

Também o Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, dedicado e persistente director do Lactário Municipal, revelou o seu enorme interêsse pela vida das três crianças.

A-pesar de tôdas as boas vontades, de todos os auxílios, dos esforços dispendidos, os inocentinhos morreram.

Resta-nos, por isso mesmo, deixar aqui bem expresso o nosso reconhecimento a tôdas as pessoas — e bastantes foram — que nos auxiliaram nesta missão.

CONSELHEIRO

José da Mota Prego

Finou-se, na sexta-feira, em Lisboa, na sua casa, à Rua Ivens, 9-2.º, o nosso ilustre conterrâneo e amigo, Sr. Conselheiro José da Mota Prego, que nesta cidade e mercê das suas altas qualidades morais contava as maiores amizades e verdadeira estima.

O saüdoso extinto contava 86 anos de idade e vivia em Lisboa há já bastantes anos, ali tendo exercido altos cargos na Magistratura e na Política.

Homem dotado de rara inteligência, coração bondosíssimo, fidalgo por nascimento, de porte correctíssimo e distinto na sua maneira de tratar, o Conselheiro Mota Prego soube impôr-se, sempre, ao respeito e à consideração de tôda a gente.

Por decreto de 20 de Novembro de 1885 foi o Sr. Conselheiro Mota Prego nomeado Agente do Ministério Público perante o Tribunal Administrativo de Portalegre.

Por decreto de 17 de Outubro de 1891 foi nomeado Delegado de Procurador Régio na 1.ª Vara de Lisboa.

Por decreto de 9 de Fevereiro de 1899 foi elevado à categoria de Juiz de Direito.

Por decreto de 4 de Julho de 1900 foi nomeado Governador Civil de Ponta Delgada e em 25 de Novembro do mesmo ano eleito Deputado pelo Círculo de Braga.

Por decreto de 2 de Setembro do ano seguinte foi nomeado Juiz das Execuções Fiscais.

No mesmo ano, em 6 de Outubro, foi eleito Deputado pelo Círculo de Vila Real.

Por decreto de 2 de Maio de 1904 voltou a ser nomeado Governador Civil de Ponta Delgada e em 12 de Fevereiro do ano imediato, foi eleito Deputado pelo mesmo Círculo.

Por decreto de 24 de Mrço de 1906 foi nomeado Governador Civil de Coimbra e em 29 de Abril do mesmo ano eleito Deputado pelo Círculo de Ponta Delgada.

Mais tarde, em 9 de Maio de 1909, foi eleito Governador Civil do Distrito de Lisboa.

O saüdoso vimaranense, que há anos se havia aposentado do lugar de Juiz do Supremo Tribunal de Justiça por ter atingido o limite de idade, soube desempenhar todos os lugares em que foi investido por forma a merecer os maiores louvores.

O Sr. Conselheiro José da Mota Prego era irmão dos saüdosos Vimaranenses Srs.: Dr. António Coelho da Mota Prego e Comendador João Coelho da Mota Prego e tio das senhoras D. Maria José Coelho da Mota Prego, D. Maria Antónia Coelho da Mota Prego Cunha, espôsa do nosso ilustre amigo Sr. Conselheiro Raúl Alves da Cunha; D. Maria Emília Coelho da Mota Prego de Faria, espôsa do nosso prezado amigo e distinto clínico Sr. Dr. Alberto Ribeiro de Faria e dos Srs.: José Lopo e Luís Manuel Castro Almeida Mota Prego e segundo tio das espôsas dos nossos amigos Srs. Dr. Bonfim Martins Gomes e Silva, distinto clínico e Dr. Bernardo Pereira Leite e do também nosso bom amigo e distinto clínico Sr. Dr. João Mota Prego de Faria e primo da família Magalhãis Couto.

O seu funeral realizou-se em Lisboa, devendo o cadáver ser trasladado oportunamente para esta cidade.

A tôda a respeitável família Mota Prego apresenta *Notícias de Guimarãis* as suas mais sentidas condolências.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Antonino Dias da Castro — *9 de Dezembro — data bem grata para quantos prestam concurso à êste Semanário, pois ela assinala a passagem do aniversário natalício do seu abnegado Director.*

Sabido e reconhecido que esta nossa inconfidência desagrada ao Antonino — como lhe chamamos na intimidade — não podemos, todavia, deixar de a assinalar, porque seria ingratidão para com quem tem sempre presente, na memória e no coração, as datas mais íntimas dos seus colaboradores e amigos.

Por isso, e antecipadamente, o nosso abraço fraterno.

*

Fazem anos:

No dia 8, as senhoras D. Maria da Conceição Flores de Matos Chaves e D. Otelinda Cândida da Cunha Neves de Castro e os nossos prezados amigos srs. Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, ilustre Professor da Escola Industrial e Comercial de "Francisco de Holanda"; Padre António Teixeira de Carvalho, muito digno Comissário da V. O. T. de S. Francisco, e Eduardo Torcato Ribeiro, importante industrial; no dia 10, o menino Joaquim Afonso, filho do nosso prezado amigo sr. António Teixeira de Sousa; no dia 11, a menina Maria Francisca da Veiga Castro Ferreira, filha do nosso prezado amigo sr. Dr. José de Castro Ferreira; no dia 12, o nosso prezado amigo e conceituado comerciante sr. Alberto Larangeiro dos Reis; no dia 13, o nosso prezado amigo e conceituado industrial, sr. Francisco Pereira da Silva Quintas.

— Há dias fêz anos o nosso prezado amigo sr. João Faria.

A todos apresenta "Notícias de Guimarãis" as melhores felicitações.

TEATRO JORDÃO - HOJE -

ÁS 15 E ÁS 21 HORAS

JUDY GARLAND e MICKEY ROONEY no mais divertido episódio da vida da popular FAMÍLIA HARDY

ANDY HARDY COMEÇA A VIDA

QUARTA-FEIRA, 8, ÁS 15 E ÁS 21 HORAS:

A vida aventurosa de um poderoso rei dos diamantes

O Monte Cristo moderno

com ANNE NAGEL — VÍTOR MAC LAGLEN — JOHN LODER

QUINTA-FEIRA, 9, ÁS 21 HORAS:

FORA DO EXPEDIENTE

com **Joan Blondell** e **Pat O'brien.**

OURIVESARIA

Aureliano Fernandes, Sucessor

Rua da República **TELF. 4346**

503

JOIAS — RELOGIOS — PRATAS

Objectos lindíssimos para oferendas de NATAL

Partidas e chegadas

Delfim de Guimarãis — *Encontra-se entre nós, desde ontem, o nosso querido amigo e conterrâneo e distinto Colaborador, sr. Delfim de Guimarãis.*

— No passado domingo cumprimentamos, nesta cidade, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. António Luís de Araújo Dantas, residente em Vila Nova de Gaia.

Doentes

Tem passado doente o nosso prezado amigo sr. Norberto de Freitas Guimarãis Pacheco.

— Também tem passado incomodado de saúde, o nosso prezado amigo sr. António Sousa Lima.

— Igualmente tem estado doente o primogénito do nosso bom amigo sr. Francisco Lage Jordão.

Desejamos as rápidas melhoras dos doentes.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Maria dos Prazeres Vaz Vieira

Segundo nos informa o nosso solícito correspondente do Pevidém, finou se, naquela localidade vitimada por uma hemorragia cerebral, a bondosa senhora D. Maria dos Prazeres Vaz Vieira, exemplar modêlo de virtudes que se prendia extremamente ao aconchêgo do lar.

A extinta era espôsa muito dedicada do nosso prezado amigo sr. Delfim da Costa Vaz Vieira, a quem, como à demais família dorida, endereçamos o nosso cartão de condolências.

O funeral realizou se na quarta-feira passada, tendo nêle tomado parte inúmeras pessoas daquela e de outras localidades que foram prestar homenagem à saüdosa extinta e honraram, com a sua amizade, em hora tão dolorosa, a respeitável família Vaz Vieira.

D. Constança Antunes Guimarãis

Na sua Casa da Vila das Taipas finou-se, na segunda-feira à tarde, confortada com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, a bondosa senhora D. Constança Antunes Guimarãis, dedicada espôsa do distinto capitão médico sr. Dr. José Joaquim Machado Guimarãis Júnior e irmã dos Srs. Dr. João Antunes Guimarãis, ilustre Deputado à Assembleia Nacional, e Dr. Justino Antunes Guimarãis, e tia do Sr. João Antunes Guimarãis Júnior.

A extinta era um exemplo de virtudes cristãs, acundido a muita miséria encoberta daquela vila, motivo porque o seu passamento causou bastante consternação.

O seu funeral, que constituíu uma significativa manifestação de pesar, efectuou-se na quarta feira, na igreja Matriz da vizinha vila. Tomaram parte nas homenagens fúnebres muitas pessoas das Taipas, desta cidade, de Braga, do Pôrto e de outras localidades, assim como diversas instituïções civis, religiosas e beneficentes.

A tôda a família enlutada, e dum modo muito especial aos Srs. Drs. José Joaquim Machado Guimarãis Júnior e João Antunes Guimarãis, apresenta «Notícias de Guimarãis» sentidos pêsames.

José da Costa Pacheco

Finou-se, há dias, o Sr. José da Costa Pacheco, sobrinho do nosso perzado amigo Sr Amadeu Miranda, conceituado industrial, e da Sr.ª D. Ermelinda da Costa Pacheco de Miranda.

O extinto contava apenas 22 anos, tendo regressado há dias das manobras militares, e era aparentado com diversas famílias desta cidade.

O seu funeral efectuou-se na têrça-feira, às 11 horas, na igreja paroquial de S. Sebastião perante numerosa e selecta assistência, tendo sido o cadáver removido, com grande acompanhamento e após as cerimónias fúnebres, para o cemitério de Azurém.

A tôda a família dorida apresentamos condolências.

Joaquim de Almeida Bravo

Na sua residência à Rua Trindade Coelho, finou-se, ainda novo, o Sr. Joaquim de Almeida Bravo, filho do Sr. João de Almeida Bravo e cunhado do nosso prezado amigo Sr. António Guise.

O seu funeral efectuou-se ontem à tarde para o Cemitério Municipal, tendo se incorporado no préstito fúnebre muitas pessoas das relações do extinto e da família dorida, à qual apresentamos as nossas condolências.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo 28 de Maio.

Desastre

Recolheu ao Hospital da Misericórdia, em estado muito grave, o jornaleiro António Pereira, de 38 anos, casado, da freguesia de S. Martinho do Conde, dêste concelho, por ter ficado bastante ferido no baixo ventre quando em Lustosa, ao descer de uma caminheta de carga em que trabalhava, ter sido colhido por êsse veículo.

Carreiras de caminhetas

Comunica-nos o Sr. João Ferreira das Neves, concessionário das carreiras diárias entre Guimarãis e Pôrto, que a partir do dia 4 dêste mês deixa de funcionar, provisòriamente, a carreira diária que saía de Guimarãis às 8,35 e do Pôrto às 18,30.

FOLHETIM DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS»

N.º 39

J. Weyman

Aventuras do Cavaleiro de Bérault

CAPÍTULO VIII

O Conflito

Não há dúvida de que o dia está magnífico, o terreno convém perfeitamente e o sol está bem situado... Mas não aproveito nada em matar-vos, capitão, e, bem ao contrário, isso poderia pôr-me em sérios embaraços. Por outro lado, posso, sem relutância, deixar-vos ir embora...

— Na verdade?! — exclamou êle, olhando-me como quem olha um pobre diabo.

— Assim mesmo, — prossegui. — Porque, se fôrdes dizer que esbofeteastes Gilles de Bérault e que ficastes com a pele intacta, não haverá uma só pessoa que vos acredite...

— Gilles de Bérault?! — exclamou êle, com a fronte enrugada.

— O mesmo, capitão, — respondi-lhe polidamente. — Sou um vosso servidor... Não conhecíeis o meu nome?...

— Eu pensava que o vosso nome era de Barthe...

A sua voz soava estranhamente. Ouviu a minha resposta com os lábios entreabertos e os olhos velados duma sombra que eu já tinha visto em outros olhos.

— Não. E' o nome de minha mãi. Tomei-o simplesmente para esta ocasião...

O vermelho do seu rosto perdeu um pouco da sua vivacidade; mordeu os lábios, e lançou ao tenente um olhar em que se revelava a sua inquietação.

— Creio que me concedereis agora que, sem desdouro, para a minha reputação, tire o meu partido mesmo duma bofetada...

— A coragem do senhor de Bérault é conhecida, — confessou êle.

— E a justo título. Ora, assim sendo, capitão, quereis adiar êste duelo para de hoje a três meses? Preciso dêste prazo para arranjar as minhas coisas.

O meu antagonista consultou o tenente com o olhar, e depois baixou os olhos com um ar indeciso. O combate que se travava no seu espírito revelava-se claramente. Aquele homem não tinha mais do que insistir para me obrigar a bater-me. Se, por fortuna ou por destreza, saísse vitorioso da pendência, a sua reputação de duelista iria através de tôdas as guarnições de França e criar-lhe-ia um nome mesmo em Paris. Por outro lado tinha diante de si a iminência da morte, o brilho do frio aço que êle imaginava já trespassar-lhe o peito, a perda da luz do sol, a vida, e, ao mesmo tempo, a possibilidade duma retirada senão gloriosa, pelo menos honrosa.

— Parece-me que o papel ingrato é para vós, — disse êle surdamente — Pela minha parte, estou satisfeito.

— Muito bem. Eu fico com o papel ingrato, e peço-vos desculpa de vos ter feito tirar o vosso gibão para nada...

O capitão tinha-se declarado satisfeito, mas eu via que, na realidade, êle não estava contente consigo mesmo, e não fiquei surpreendido quando, de súbito, o ouvi dizer-me dum modo incivil:

— Há uma coisa que convém ser regulada aqui, senhor de Bérault!

— Ah! E o que é?...

— As nossas situações respectivas, — retorquiu-me violentamente — Doutro modo, não se passará uma hora sem que de novo estejamos em conflito.

— Não compreendo bem...

— E' precisamente o meu caso: também eu não compreendo, — respondeu-me o capitão num tom simultâneamente cabeçudo e triunfante. — Antes de eu partir para esta missão, disseram-me que havia aqui um gentilhomem portador de ordens secretas para prender o senhor de Cocheforêt, e recomendaram-me que evitasse qualquer conflito com êle, pelo menos tanto quanto fôsse possível. Logo de princípio tomei-vos por êsse gentilhomem. Mas que a peste me mate se compreendo alguma coisa!

— Porquê? — preguntei-lhe friamente.

— Por que... A questão resume-se em duas palavras: estais vós aqui no interêsse da senhora de Cocheforêt, para lhe proteger o marido, ou estais aqui para prender êsse marido?... Eis o que eu não compreendo, senhor de Bérault...

— Se quereis saber se sou eu ou não o agente do Cardeal, ficai sabendo que sou! — respondi-lhe rudemente.

— Para prender o senhor de Cocheforêt?...

— Para prender o senhor de Cocheforête.

— Pois em verdade que me surpreendeis...

Disse isto apenas, mas num tom que me fêz afluir o sangue ao rosto.

— Mais cuidado, capitão, — disse-lhe severamente; — não presumais muito dos embaraços em que a vossa morte poderia colocar me!

Encolheu os ombros e respondeu-me:

— Não vos ofendais com as minhas palavras... Mas a verdade é que parece que não compreendeis a situação, senhor de Bérault... Se não regularmos as coisas agora, havemos de desavir-nos vinte vezes por dia...

— Muito bem... O que quereis?...

— Simplesmente saber como ides proceder, de modo que os nossos planos se não contrariem.

— Mas é precisamente êsse o meu caso, capitão...

— Contrariar os meus planos?... — exclamou êle.

Depois, fazendo um gesto com a mão para atalhar a minha cólera:

— Perdão. O caso resume-se nisto: ¿como vos propondes a deitar-lhe a mão, se êle está aqui?...

— Ainda uma vez: é o meu caso..

O capitão ergueu as mãos, num movimento desesperado. Mas para logo tive de haver-me com um argumento inesperado. O tenente, que até ali se havia conservado mudo, atormentando o seu bigode grisalho, interveio de súbito:

— Uma palavra, senhor de Bérault, — disse êle, colocando-se sem cerimónia bem face a face comigo. — Eu não me bato em duelo. Dei provas da minha coragem em Montauban em 21, e a minha honra é assás sólida para se defender por si só.

(Continua).

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno, (compl.), Povo, Roquete (ling. e sin.) sin. de Bandeira.

Torneio de Charadas em Prosa

III Etapa — Protéticas

Relatório do Arbitro

Desta vez o lote é fraco.

1.º n.º 27 — E' a única que me agrada plenamente.

Devo observar, porém, que seria interessante os concorrentes não apresentarem aqui trabalhos, sabendo-me árbitro, utilizados em torneios que oriento. Assim o anonimato é desrespeitado e não me sinto à vontade.

2.º n.º 24, 3.º n.º 9 4.º n.º 17 — Correctas. Ordenadas por gôsto pessoal.

5.º n.º 32 — Não acho expressivo o termo *bons dotes*; o autor refere-se a qualidades morais, e, falando apenas em *dotes*, também podem ser materiais.

6.º n.º 10 — O pensamento ficou nebuloso com a preocupação da concisão.

7.º n.º 12 — Idéia certa, mas de interêsse restrito, porque jurídico. Aliás, não me parece que *atenuantes* levem a absolvições; só as *derimentes* têm êsse poder. Mas não exijo terminologia jurídica rigorosa... Pedras barbadas.

8.º n.º 35 — Isso nem sempre será muito certo... Pode simultâneamente amar e odiar. Eu bem sei que o autor quis falar em coração todo amor, onde não caibam ódios. Mas não disse isso...

9.º n.º 19 — Mais verbalismo que sumo.

10.º n.º 2 — Opinião que me merece grandes restrições.

11.º n.º 4 — Idem, idem. Ainda creio nos valores do espírito...

12.º n.º 6 — Idéia pouco original e com a vírgula a separar o sujeito do predicado.

13.º n.º 16 — Frase pouco clara. A quem? Creio que a quem simula. Deve ser êste o pensamento.

14.º n.º 7 — Isto é muito banal.

15.º n.º 29 — Conseqüência lógica...

16.º n.º 15 — Fraca a primeira acepção.

17.º n.º 13 — Não é apropriada a imagem "dos melhores juros„ e tem o defeito de pontuação da n.º 6.

18.º n.º 26 — Por estar dito e redito.

19.º n.º 25 — Idem, idem.

20.º n.º 30 — Pedras muito gastas e idéia banal.

21.º n.º 18, 22.º n.º 23 — Banais.

23.º n.º 21 — *Começa tarde.*

24.º n.º 28 — Primeira acepção fraca; no mais era esplêndida.

25.º n.º 14 — Pouco certa na frase a palavra imoral.

26.º n.º 5 — Sem pretensões.

27.º n.º 11 — Mal redigida. Conserva um tesoiro quem conserva a saúde ou quem defende a saúde? Defendê-la é que é o tesoiro?

28.º n.º 1 — Mal redigida. Em vez de *são*, devia ser *é*, com sujeito no singular. Torcida. A idéia era muito curiosa.

29.º n.º 8, 30.º n.º 33 — Sem interêsse.

31.º n.º 34 — Charadìsticamente muito fraca.

32.º n.º 22 — Acepções erradas.

33.º n.º 3 — Idem, e já vi uma igual.

34.º n.º 31 — Sem ligação nenhuma as duas partes da frase.

35.º n.º 36 — Idem. Basta *sossêgo* na consciência para ser-se *honrado*?

36.º n.º 20 — E que tem isso? E que figura? Que interêsse tem isso?

IGNOTUS SUM.

*

PONTUAÇÃO — 1.º A. L. C., 36 pontos; 2.º Rei Texai, 35; 3.º Diabo, 34; 4.º Laruce, 33; 5.º Doralvas, 32; 6.º Javípera, 31; 7.º Ti'Manel, 30; 8.º Mora-Rei, 29; 9.º Oraval, 28; 10.º Alceste, 27; 11.º Josilcar, 26; 12.º Carlos do Canto, 25; 13.º Copofónico, 24; 14.º Loscar, 23; 15.º Lage, 22; 16.º Sadino, 21; 17.º Mulato, 20; 18.º Fidélio, 19; 19.º Agnus Matutus, 18; 20.º Joraca, 17; 21.º P. de Inkin, 16; 22.º Pacatão, 15; 23.º Alguém, 14; 24.º Psole, 13; 25.º Lhalha, 12; 26.º Don Ranfe, 11; 27.º Almapa, 10; 28.º Patego d'Azoia, 9; 29.º Onateac, 8; 30.º D. Sabichão, 7; 31.º Omodis, 6; 32.º Berleri, 5; 33.º Pepita, 4; 34.º Lord Liró, 3; 35.º Rotie, 2; 36.º Quico, 1.

A seguir: EPENTÉTICAS.

Tertúlia Edípica Vimaranense

Conforme notícia circunstanciada publicada noutro lugar, teve lugar no passado dia 2 a comemoração do 1.º aniversário desta agremiação charadística.

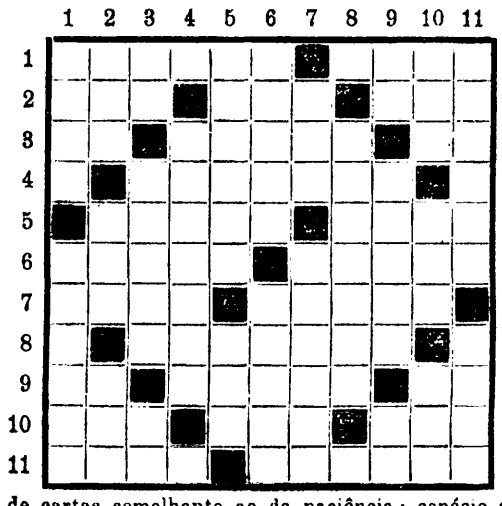
A direcção cessante composta por Lage, Lusbel e Joraca foi reeleita por unanimidade. "O Notícias do Edipista„ aproveitou esta oportunidade para proceder ao sorteio da II Taça Beneficência.

A "bola da sorte„ foi tirada pelo Sr. Francisco Correia, Presidente do Sindicato dos Caixeiros, cabendo o prémio ao n.º 56, na posse do confrade José do Canto, a quem vai ser entregue a respectiva Taça.

A soma de 143$50 foi entregue ao nosso estimado Director, que no acto encareceu e agradeceu a iniciativa de *Incógnito* e a Caridade dos *Edipistas*.

CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

N.º 36



ENUNCIADO:

Horizontais: 1 — Espalhar; direcção. 2 — anel; monarca; dificuldade. 3 — aqui; hora de descanço ou dormida depois de jantar; único. 4 — franta pastoril. 5 — lugar afastado; juntar. 6 — casal subterrâneo (nas minas); fécula em pó extraída dos vegetais. 7 — almadia; pequena ala. 8 — diz-se do vento que sopra regularmente de leste para oeste, entre os trópicos. 9 — contração de prep. e artigo; aliada; fraca. 10 — raiva; cartel; possuír. 11 — briza; sociedade cujos membros se dedicam ao canto.

Verticais: 1 — Saída; fraqueza. 2 — período; jôgo de cartas semelhante ao da paciência; espécie de sapo das regiões do Amazonas. 3 — dente queixal; conjunto dos animais próprios duma região; parecença. 4 — sincera. 5 — esquina; que está no lugar mais fundo. 6 — demasia; protecção. 7 — pau-ferro; invadir. 8 — bosque. 9 — preposição; entrada; pron. pessoal. 10 — injusto; jornada; mediana. 11 — alinho; querido.

* * *

Rectificação ao problema n.º 93 — *Horizontal* n.º 11: quadro preto na quinta casa; 2.º termo: deseje muito.

AOS SRS. EMPREITEIROS DE OBRAS CIVIS

José Pereira Guimarãis está habilitado a fornecer saibro de 1.ª qualidade, tirado da sua propriedade situada na rua das Lameiras n.º 55, bem como areia e cascalho, encarregando-se também de mandar fazer transportes de entulhos ou de qualquer espécie, tendo para isso carros, gado e pessoal habilitado. 944

SÊDA (483)

Compram-se desperdícios azeitados ou não.

AMADEU ESTEVES & IRMÃO
Covas — Guimarãis — Telf., 4293.

Vende-se 2 moradas de casas na Rua Egas Moniz com os n.os 41 a 45.

Tratar com Martinho da Silva
449) — GUIMARÃIS.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarãis»

A Tertúlia Edípica

comemorou o seu 1.º aniversário

Esteve em festa, na quinta-feira, a *Tertúlia Edípica Vimaranense*, que, naquele dia, festejou o seu primeiro aniversário.

Reüniram-se por tal motivo, naquela data e em animadora quantidade, os charadistas e os cruzadistas de Guimarãis, sendo certo que outros, alguns verdadeiros soldados da causa, não estiveram presentes só porque as circunstâncias de momento os impediram de o fazer.

A festa comemorativa, como tôdas as festas de charadistas, decorreu animada, trasbordante de alegria, de bom humor e de interêsse por aquela instituïção que já conta um ano de bons e activos serviços.

Efectuou-se uma brilhante sessão solene, que teve lugar no salão nobre do Sindicato Nacional dos Caixeiros, na qual foi lida uma saüdação cheia de fé nos destinos da Tertúlia, a todos os Tertulianos e simpatizantes.

Depois, *Lusbel* apresentou-nos um trabalho, sem dúvida muito cuidado e curioso, onde abundam os seus muitos conhecimentos da Arte de Edipo. Durante alguns momentos todos o ouviram com agrado e, no final, ninguém deixou de premiar êsse trabalho, palmeando-o com calor e abraçando-o com simpatia.

A sessão foi encerrada, com breves palavras, pelo nosso director, que presidiu à sessão solene, secretariado pelos Srs. Francisco da Silva Correia, digno presidente do Sindicato, e Joaquim Garcia (Lusbel).

Seguidamente procedeu-se ao sorteio da *Taça-Beneficência* cuja disputa se efectuou nas colunas do nosso jornal e na secção respectiva, tendo produzido Esc. 143$50, importância esta que se destina a duas nossas protegidas, conforme indicamos na secção «Beneficência do Notícias».

Após a sessão solene e noutra dependência, anexa à *Tertúlia*, foi servido a todos os presentes um delicado «Pôrto de Honra», que decorreu no meio da mais comunicativa alegria.

Conversou-se animadamente. Trocaram-se impressões sôbre problemas. Confraternizou-se, afinal, daquela forma como sempre sabem confraternizar os charadistas.

E já quási ao acabar mais um gesto nobre que muito dignifica não só o Sr. António Joaquim de Magalhãis, que foi quem sugeriu a idéia, mas também todos quantos lhe deram realização: uma charada a concurso, entre os assistentes, para a disputa de um prémio. Todos contribuíram com um donativo, tornando-se assim concorrentes, e no final apurou-se Escudos 102$50, que se destinam à pobre mãi dos gémeos da Rua da Liberdade.

Foi uma festa linda, embora singela, que ficará bem gravada na nossa memória e, mais ainda, no nosso coração.

CASIMIRO SOARES
SOLICITADOR
Largo Conselheiro João Franco, 12
Guimarães

QUINTAS Vendemos nos concelhos de Guimarãis, Braga, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Felgueiras, Cabeceiras de Basto, com esplêndidas casas de senhorio e com a renda em cereais de 21, 6, 4, 5, 3, 10, 2, 9, 7, 8, 15 e 20 carros, e bem assim casas no centro desta cidade. 365
A Auxiliadora — R. da República, 70, Telefone, 4470.

REVOGAÇÃO DE MANDATO

Eu abaixo assinado Joaquim Cardoso, casado, proprietário, morador no lugar do Casal das Rechãs, da freguesia de S. Salvador de Pinheiro, desta comarca, torno público, para os efeitos do art.º 263 do Código do Processo Civil, que fiz notificar judicialmente — notificação que se realizou em 10 do mês corrente — o senhor Florêncio de Matos, casado, funcionário da Secretaria Notarial, também desta comarca, de que desde já lhe revogo todos os poderes que, por contrato de 18 de Abril de 1942, lhe conferi para a venda da minha propriedade denominada «Casal das Rechãs», sita nos ditos lugar e freguesia, em virtude dêle não ter cumprido as respectivas cláusulas na forma e no prazo convencionados.

Guimarãis, 10 de Novembro de 1943.

Joaquim Cardoso.

Reconheço a assinatura retro.

Guimarãis, 13 de Novembro de 1943.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

498 *Martindo da Silva.*

JOSÉ DE MELLO & C.ª

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73 e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Fabricantes e Negociantes estranjeiros e nacionais

Bem perto já está o dia de Natal
E tudo a sofrer e tudo a passar mal.

Remédio encontrais pr'a tais dificuldades;
E' bem fácil e simples: ir às NOVIDADES,

E sem olhar p'ra trás, mesmo em correria,
Comprar o jôgo todo da sua lotaria.

Julgam ser mentira, mas creiam, sem razão,
A garantia que dou a tal afirmação?

¿Então não é verdade que só o bom dinheiro
Nos tira do viver tão bruto e fraldiqueiro?

E' lá que a sorte sai quer queiram quer não
E só não saïrá aos que lá não vão.

Grande Lotaria do Natal
6.000 contos 502
A' VENDA NA CASA DAS NOVIDADES
Telefone, 4350 — GUIMARÃIS

O Melhor Café é o d'A Brasileira

Vendedor oficial em GUIMARÃIS
PEDRO DA SILVA FREITAS
11, Rua de Santo António, 13
(CASA CHAFARICA)
Telefone 79

EXIJAM SEMPRE O NOME DO VENDEDOR OFICIAL EM GUIMARÃIS: Pedro da Silva Freitas

CASA OLIVEIRA & SILVA, SUC.OR
TELEF. 4414
TECIDOS DE NOVIDADE
Panos para CASACOS.
Tecidos de lã para VESTIDOS.
Peles.
488

VENDE-SE

Um volante em ferro forjado, de 2 metros de diâmetro, com eixo, manivela e forqueta;

Dois suportes em ferro forjado para o mesmo, guarnecidos com dois bronzes;

Um cilindro em metal, com uma câmara de ar em cobre, com ferragem e chumbadouros para o mesmo cilindro;

7,70 metros de tubo de 1 e 1/4, quási em estado novo, e 1,50 de tubo mais usado com uma caixa de válvulas;

5,60 metros de tubo de 1 polegada, também em estado quási novo, com dois passadores em metal; e

Um tirante em ferro com uma fêmea para firmar os suportes.

Em exposição no quintal do Grémio do Comércio do Concelho de Guimarãis, em todos os dias úteis, das 15 às 17 horas. 500

A. Gomes, Filhos & Sá
OURIVESARIA GOMES
PÓVOA DE VARZIM
Oficina de Ourivesaria — Relojoaria — Joalharia — Gravadores —

COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

Éditos de 20 dias

(1.ª publicação)

No Tribunal desta comarca e segunda secção da respectiva Secretaria, pendem uns autos de Execução sumária que Manuel Ribeiro Dias, casado, proprietário, do lugar de Barreiros, freguesia de S. João de Airão, move contra Elias da Cunha Fernandes, casado, proprietário, do lugar de Menaco, freguesia de Santa Maria de Airão, ambos desta comarca; pelo que e pelos presentes éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do respectivo anúncio, são citados os credores desconhecidos do executado, para, no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, virem à dita execução deduzir os seus direitos.

Guimarãis, 27 de Novembro de 1943.

O Chefe da 2.ª Secção,

Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei. 504

O Juiz de Direito,

Rodolfo Artur de Abreu.

CAVES DA RAPOSEIRA
GRANDES VINHOS ESPUMANTES NATURAIS
LAMEGO

Mercearia e Vinhos

Trespassa-se, devidamente documentada, em óptimo local, ou alvará em separado. Informa Amadeu Carvalho — R. de Paio Galvão — Guimarãis. 505